

Editorial

Mikhail Bakhtin: seu tempo e o nosso / *Mikhail Bakhtin: His Time and Ours*

Clive Thomson*

As pesquisas sempre sonham com um percurso direto e estável, esquecendo que a história não é somente a tempestade que as tira de seu curso, mas também o vento que preenche as suas velas.

Ken Hirschkop¹

Reinventando Bakhtin

Os estudiosos que tiveram os trabalhos aprovados para publicação neste número são certamente familiares para os leitores de *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*. Esses autores partilham várias características muito significativas: publicam pesquisas sobre tópicos relacionados ao círculo bakhtiniano há aproximadamente 25 anos; contribuíram substancialmente para os estudos bakhtinianos e para a ampla área dos estudos da Teoria Crítica; são conhecidos e muitíssimo respeitados, inspirando e aconselhando outros pesquisadores e toda uma geração de estudantes por meio de suas aulas, orientações, trabalhos publicados, palestras, traduções e organização de congressos.

Os artigos deste número da *Bakhtiniana* estão impregnados de uma profunda experiência conquistada nos muitos anos em que esses pesquisadores estudaram os arquivos e, ao mesmo tempo, trabalharam em sala de aula com seus alunos ou participaram de outros tipos de diálogos científicos. É legítimo afirmar que os autores Iúri Medviédev, Dária Medviédeva, David Shepherd, Craig Brandist, Caryl Emerson, Tatiana Bubnova,

* University of Guelph, Guelph, Ontário, Canadá; cthompson@uoguelph.ca

¹ TN. No original em inglês: “Scholarship always dreams of a straight and steady passage, forgetting that history is not only the storm that blows it off course, but also the wind that fills its sails.” (HIRSCHKOP, 2001, p.2).

Stephen Lofts, Ken Hirschkop, Peter Hitchcock, Linda Hutcheon e Anthony Wall tiveram um grande papel na formação e nas mudanças nas discussões que ocorreram na ampla área internacional que chamamos de estudos bakhtinianos. Este número não é só prova de que o compromisso deles com a área continua vigoroso e apaixonado como sempre, mas também de que o trabalho deles continua a ser criativo, inovador e original². Assim, o conjunto de artigos constitui uma variedade de práticas críticas e se espera que possam estimular outros pesquisadores a realizar novos projetos em que os conceitos bakhtinianos sejam testados e reinventados.

Os colegas cujos artigos aparecem aqui partilham de algumas posições importantes em relação a seus objetos de estudo. Eles concordam com a ideia de que há temas ou tópicos no pensamento de Mikhail Bakhtin que permanecem *mais ou menos* constantes durante o curso de sua carreira e, ao mesmo tempo, o situam como um pensador que se contradiz e que faz mudanças abruptas, até mesmo inversões, no que concerne a seus interesses e métodos. Esses mesmos autores não adotam a posição de que há um campo conceitual *interior* e um contexto ou histórico *exterior* às ideias de Bakhtin, sendo tal forma de pensamento estranha às suas abordagens. Esse ponto fundamental foi resumido por Ken Hirschkop da seguinte maneira: “As verdades das obras de Bakhtin estão intimamente ligadas as suas dolorosas histórias” (2001, p.10, tradução nossa)³. Nossos colaboradores estão acostumados com a ideia de um Bakhtin “fragmentado” e com a noção de que os “mistérios” que cercam os textos disputados talvez nunca sejam esclarecidos por completo⁴.

² Os nove artigos que integram este número são revisões e expansões das comunicações de Julho de 2008, ocorridas durante as sessões da 13th *International Bakhtin Conference*, realizada na University of Western Ontario, London, Canadá (outros artigos resultantes do mesmo congresso foram publicados em MYKOLA, P.; THOMSON, C.; WALL, A. (eds.). *Dialogues with Bakhtinian Theory: Proceedings of the Thirteenth International Mikhail Bakhtin Conference*. London: Mestengo Press, 2012. 435 p. Dois desses nove artigos foram anteriormente publicados em russo (Iurii and Dar'ia MEDVEDEV, 'Polifoniia kruga' [A polifonia do Círculo], in *Khronotop i okrestnosti: Iubileinyi sbornik v chest' Nikolaia Pan'kova*, ed. B. V. OREKHOV (Ufa: Vagant, 2011), p.170-97; Tatiana BUBNOVA, 'Bahtin i Bem'janin (po povodu Gete)' [Bakhtin e Benjamin: sobre Goethe e outras questões] in *Khronotop i okrestnosti: Iubileinyi sbornik v chest' Nikolaia Pan'kova*, ed. B. V. OREKHOV (Ufa: Vagant, 2011), p.54-67).

³ TN. No original em inglês: “The truth of Bakhtin’s works is bound to their painful history” (2001, p.10).

⁴ Em 2011, Jean-Paul Bronckart e Cristian Bota publicaram *Bakhtine démasqué: histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif*, um estudo altamente polêmico em que os autores afirmam, dentre outras coisas, que os únicos trabalhos que podem ser com certeza atribuídos a Bakhtin são *Para uma filosofia do ato responsável*, O autor e a personagem na atividade estética, O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária e alguns outros artigos dos anos de 1960. Sérias dúvidas a respeito das afirmações de

Outro princípio fundamental de seus trabalhos é de que se deve lidar com cuidado e precisão com os conceitos e ideias. Ken Hirschkop, por exemplo, conta com a fundamentação da teoria de linguagem de Bakhtin para criticar a teoria de linguagem adotada pelos pesquisadores cognitivistas. Dessa forma, Hirschkop estabelece cuidadosamente a base para uma nova linguística ou pragmática que explicaria por que é tão problemático e causa tanta ansiedade para nós, seres humanos, encontrar nosso lugar na linguagem. Caryl Emerson sustenta que certos termos técnicos precisam ser usados com cuidado e que certos tipos de textos não podem ser produtivamente lidos através de filtros bakhtinianos. Em uma abordagem semelhante, Anthony Wall enfatiza a importância de se fazer claras distinções entre as linguagens icônica e verbal no contexto de seu estudo sobre pintura. Finalmente, em referência ao título deste editorial, os nove colaboradores claramente concordam que muito mais pesquisa ainda precisa ser feita caso queiramos ter um melhor entendimento da relação de Bakhtin com o tempo em que viveu. E, como Tatiana Bubnova escreve em seu artigo, uma leitura atenta dos trabalhos de Bakhtin tem o potencial de nos ajudar a avaliar nosso próprio tempo.

Este número tem objetivos múltiplos que são descritos nos parágrafos a seguir. Os leitores poderão observar o como esses experientes acadêmicos ultrapassam de modo muito bem sucedido os limites de uma área de pesquisa que tem uma longa história produtiva iniciada nos anos de 1960, período em que os trabalhos do Bakhtin e do Círculo foram descobertos. Aqui não é o lugar para traçá-la, pois se realizássemos um estudo adequado da recepção das ideias de Bakhtin e do Círculo em um largo período de tempo e em escala internacional, sem dúvida, seriam necessários inúmeros volumes extensos. Por este motivo, é suficiente dizer que, logo após ao “boom” de referências à obra de Bakhtin em publicações nos anos 1990, período em que os primeiros escritos do autor russo foram traduzidos, parece ter havido uma diminuição de referências a seu trabalho. No entanto, atualmente, as ideias de Bakhtin e do Círculo continuam a ser citadas e apropriadas por acadêmicos literários, críticos culturais e linguistas com a mesma frequência daquelas dos

Bronckart e Bota têm sido levantadas por vários resenhistas (ver por exemplo ZENKINE, 2014). Em nossa opinião, uma posição mais confiável e equilibrada sobre a questão da autoria é expressa por Iúri Medviédev, Dária Medviédeva e David Shepherd em seu artigo neste número de *Bakhtiniana*.

principais teóricos do século XX⁵. Nesse sentido, não parece haver evidências de que a edição de sete volumes de *Собрание сочинений* [Coletânea de escritos] de Bakhtin, publicada pela editora *Russkie Slovarei* em Moscou e concluída em 2012, tenha inspirado uma onda de novas publicações, como se poderia imaginar⁶. Espera-se, contudo, que os acadêmicos não falantes de russo venham eventualmente a ter acesso, mediante traduções, ao rico material contido nessa edição⁷.

Deixando de lado essa tarefa hercúlea de descrever a recepção geral dos trabalhos de Bakhtin e do Círculo desde os anos de 1960, será útil observarmos brevemente um projeto um pouco mais com o qual podemos lidar mais facilmente: um estudo sobre as tendências atuais de pesquisa realizadas nos últimos cinco anos. Esse estudo proverá um contexto para os nove artigos deste número e nos permitirá perceber como se relacionam às tendências atuais.

Embora o número total de publicações sobre o Círculo de Bakhtin possa estar decaindo desde os anos 1990, o trabalho do Círculo ainda recebe atenção contínua em conferências internacionais, tais como aquelas sobre o Bakhtin e o Círculo, que ocorreram na Itália (2011), Índia (2013), Nova Zelândia (2014) e Suécia (2014)⁸. Os quatro

⁵ As estatísticas disponíveis na bibliografia *on-line* da Modern Language Association of America apresenta a frequência com que as obras de Mikhail Bakhtin são referenciadas e citadas por estudiosos de todo o mundo. Entre 1966 e 2015, 3.515 artigos e livros referenciaram Bakhtin. No mesmo período, há 4.841 referências para Jacques Derrida e 3.184 para Michel Foucault. As estatísticas seguintes oferecem um indicativo da tendência de diminuição nas referências às obras de Bakhtin ao longo dos últimos 25 anos: para 1990-1999, 1.397 referências; para 2000-2009, 1.062 referências; para 2010-2015, 351 referências.

⁶ Para uma visão crítica das obras completas, ver: GIVENS, J. *The Complete Bakhtin: The Moscow Text in Russian Literature*. In: *Russian Studies in Literature*, v.50, n.4, 2014, p.3-6.

⁷ Sergeiy Sandler deve ser parabenizado por dar um passo nesta direção. Ver sua tradução de “Additions and Changes to *Rabelais*” (BAKHTIN, 2014), que contém anotações feitas por Bakhtin em meados dos anos 1940, quando ele estava revisando seu livro sobre Rabelais. Michael Wachtel traduziu dois textos escritos por M. L. Gasparov, um grande estudioso de literatura russa, que desempenhou um papel importante na recepção da obra de Bakhtin naquele país (GASPAROV, 2015).

⁸ A 14th *International Bakhtin Conference: Bakhtin Through the Test of Great Time* [Bakhtin através do teste do grande tempo], Bertinoro, Itália, de 4 a 8 de julho 4-8 de 2011 (cerca de 100 trabalhos foram apresentados); Em *Bakhtin in India: Exploring the Dialogic Potential in Self, Culture and History* [Bakhtin na Índia: explorando o potencial dialógico do ser, cultura e história], Gandhinagar, Gujarat, Índia, de 19 a 21 agosto de 2013 (cerca de 50 apresentações); *The Fourth International Interdisciplinary Conference on Perspectives and Limits of Dialogism in Mikhail Bakhtin: Dialogue at the Boundaries* [4^o Congresso Internacional Interdisciplinar sobre perspectivas e limites do dialogismo de Mikhail Bakhtin: “Diálogo com os limites”, University of Waikato, Nova Zelândia, de 15 a 17 de janeiro de 2014 (cerca de 50 apresentações); *The Fifteenth International Bakhtin Conference: Bakhtin as Praxis: Academic Production, Artistic Practice, Political Activism*, [15th *International Bakhtin Conference: Bakhtin como práxis: produção Acadêmica, prática artística, ativismo político*, Estocolmo, Suécia, de 23 a 27 de julho de 2014 (mais de 200 trabalhos

congressos foram eventos estimulantes que atraíram um grande número de estudiosos experientes e iniciantes e podem, portanto, ser vistos como uma medida sintomática de que o estado das pesquisas sobre Bakhtin e o Círculo é vigoroso e vibrante. Outra indicação igualmente importante do pujante estado da área é o periódico bilíngue *Bakhtiniana*, atualmente a única revista especializada na área, publicando três números por ano [português e inglês]. Desde 2008, o periódico tem seguido com sucesso sua missão de promover estudos de alta qualidade sobre Bakhtin e o Círculo e sobre tópicos no campo da análise do discurso em geral.

Nós nos restringiremos a comentar o congresso mais recente que ocorreu em Estocolmo - bastante diferente e, talvez, mais inovador do que os congressos anteriores. O congresso declarou como seu objetivo promover um diálogo entre teoria e prática; daí seu título: *Bakhtin como práxis*. Na chamada de trabalhos, os organizadores anunciaram três subtemas específicos: prática artística, produção acadêmica e ativismo político. Na sequência, habilmente trabalharam uma programação em que os três subtemas criaram um sólido sentido de coerência e de continuidade que nem sempre esteve presente nas edições anteriores do congresso. O cuidadoso trabalho de preparação dos organizadores pareceu ter encorajado e estimulado os participantes da maneira desejada, resultando na inauguração de alguns direcionamentos de pesquisa bastante novos. *Prática artística*, por exemplo, era um tema praticamente ausente nas edições anteriores do congresso. Durante o congresso em Estocolmo, cinco artistas com reputação internacional expuseram seus trabalhos de várias formas, incluindo instalações interativas na parte de dentro e de fora do local do evento, performances e coreografias. Os artistas explicaram como suas práticas artísticas integravam noções como a de carnavalização, resistência, hiper dialogismo, cronotopias e ritual. Ficou claro que alguns artistas viam Bakhtin como uma espécie de companheiro de prática e não simplesmente como um teórico cujas ideias estavam aplicando ou emprestando. As impressionantes obras criadas por eles foram complementadas em sessões onde as comunicações focavam temas como “Análise bakhtiniana e espaço público”, “A

foram apresentados). The *Sixteenth International Bakhtin Conference* acontecerá na College of Foreign Languages and Literatures, Fudan University, Xangai, China, em julho de 2017. (Para mais informações, consulte a home page do Bakhtin Centre, da University of Sheffield, Reino Unido, <http://www.sheffield.ac.uk/bakhtin>).

arte do carnaval”, “Arte contemporânea e carnaval”, etc. As abordagens críticas utilizadas neste número por Linda Hutcheon, para estudar a crítica de música de Edward Said, e por Anthony Wall, para explorar a pintura do século XVIII, tem afinidades com as usadas pelos artistas e estudiosos no evento de Estocolmo. Tal abordagem poderia ser chamada de integradora, no sentido de que a divisão teoria / prática é abandonada e substituída por um entrelaçamento dialógico de três discursos ou vozes: de Bakhtin, do crítico / artista e do objeto em estudo.

No segundo subtema anunciado pelos organizadores do congresso, *Produção acadêmica*, diversas áreas de pesquisa estiveram fortemente representadas: práticas de ensino, práticas clínicas nos campos da psicologia e da neurolinguística; pesquisas de arquivo sobre o contexto intelectual em que os membros do Círculo trabalharam e a recepção das ideias do Bakhtin e do Círculo.

Pelo menos seis sessões foram dedicadas às práticas educativas (ou pedagogia): “Princípios bakhtinianos na aprendizagem”, “Tornando-se, vindo a saber e vindo a ser: pesquisas em teoria e prática educativa”, “Bakhtin e a educação cívica”, “Teoria bakhtiniana e práticas pedagógicas institucionais”, etc. Um grupo de comunicadores relatou os resultados fascinantes de seu experimento radical em sala de aula, baseado na noção de dialogismo de Bakhtin. Os alunos foram assistidos pelos professores para tomar decisões colaborativas, ou seja, dialógicas, participativas, sobre todos os aspectos da sala de aula, incluindo currículo, instrução, gestão, avaliação, regras de classe e o propósito da educação. Os comunicadores demonstraram que tal abordagem é valiosa porque estimula os estudantes a investigar criticamente os valores culturais em que se baseia a sua educação. Educação, assim, tornou-se “práxis de uma práxis”.

A prática clínica, no que concerne às disciplinas de psicologia e neurolinguística, foi o foco em várias outras sessões: “Além do monólogo profissional: tornando vozes oprimidas audíveis em práticas e pesquisas reflexivas e dialógicas”, “Bakhtin em análises clínicas”, “Bakhtin, terapia e cuidados”, etc. A filosofia da linguagem bakhtiniana foi empregada e se mostrou produtiva para, por exemplo, ajudar não só a entender o funcionamento da linguagem em condições patológicas, tais como surdez, afasia e doença de Alzheimer, mas também no desenvolvimento de práticas clínicas benéficas para os

pacientes que sofrem de tais condições. Em outra comunicação sobre prática clínica, um grupo de psicoterapeutas mostrou as vantagens de se aderir à visão de Bakhtin de que a psique humana é parcialmente localizada entre as pessoas, ou seja, social desde o início e enredada por fatores históricos e culturais. A linguagem (a palavra) é entendida como histórica, concreta, ideológica e como só atingindo o seu significado na interação eu-outro. Tal ponto de vista da linguagem é empregado por Ken Hirschkop em seu artigo neste número de *Bakhtiniana* como uma forma eficaz de combater a visão idealista da linguagem adotada por psicólogos cognitivos, tais como Stephen Pinker.

Em Estocolmo, alguns participantes desafiaram os limites dos tópicos de estudos bakhtinianos que têm sido centrais há algum tempo. Por exemplo, Caryl Emerson, Galin Tihanov, Craig Brandist e Nicolai Vássiliev, todos eles trabalhando em pesquisas que se baseiam em investigações dos arquivos, apresentaram novas informações sobre a gênese e o contexto intelectual da obra do Bakhtin e do Círculo. Os artigos da Parte I do presente número são exemplos da pesquisa valiosa que precisa ser continuada, a fim de se ter uma visão mais completa de Bakhtin e seu tempo. Brandist, em sua comunicação em Estocolmo, após se concentrar na forma como o trabalho de Mikhail Tubiánski compartilha algumas características com o de membros do Círculo de Bakhtin, continuou a apresentação com considerações sobre como as ideias do Círculo podem desempenhar um papel produtivo na superação do legado ideológico do colonialismo.

Pela primeira vez nos congressos internacionais de Bakhtin, uma delegação de estudiosos da China estava presente e nos esclareceu sobre a recepção dos estudos bakhtinianos em seu país.

No terceiro subtema principal do congresso, *Ativismo político*, cerca de oito painéis ocorreram: “Perspectivas bakhtinianas sobre políticas (nacionais)”, “A cultura política do protesto”, “Bakhtin, movimentos sociais contemporâneos e lutas democráticas globais”, “Teoria política bakhtiniana”, “Bakhtin e crítica social”, etc. Um fio condutor dessas sessões foi que as noções de dialogismo e de carnaval de Bakhtin são conceitos analíticos relevantes e poderosos para o estudo do protesto e da história cultural. As linguagens unitárias do racismo, imperialismo e catolicismo, por exemplo, podem ser contestadas por meio da linguagem heteroglóssica de músicas e filmes de protesto. Foram apresentados

estudos de casos que envolvem vários países, discursos e situações: Itália (Beppo Grilli, Silvio Berlusconi), Argentina (Presidente Kirchner), Taiwan (Parada do orgulho gay), Estados Unidos (John Carroll University, músicos de blues, Ocupe Wall Street), Iugoslávia (o periódico *Praxis*, um filme). A carnavalização foi identificada como uma poderosa ferramenta analítica e, até mesmo, como uma forma espontânea de resistência, mas suas limitações também foram exploradas – o carnaval bakhtiniano foi descrito como uma prática expressiva sem propósito instrumental. O artigo de Peter Hitchcock neste número é parte desse movimento que busca um melhor entendimento dos usos políticos aos quais as ideias de Bakhtin podem ser aplicadas.

Em suma, o congresso de Estocolmo pode muito bem representar um ponto de virada nos estudos bakhtinianos, ou melhor, um “voltar-se para”. Embora os organizadores objetivassem “melhorar o diálogo entre teoria e prática”, eles podem ter conseguido algo mais específico e significativo. Ao final do congresso, a práxis parecia ter assumido um novo prestígio em relação à teoria. O futuro dos estudos bakhtinianos poderá muito bem ter dificuldade em ignorar esse direcionamento para a práxis.

1 O tempo de Bakhtin

Os quatro autores reunidos em *O tempo de Bakhtin* são especialistas em filologia que passaram muito tempo trabalhando nos arquivos. Esses quatro artigos cumprem uma dupla função: exploram e elucidam os vários aspectos dos contextos intelectual, social e político em que os membros do Círculo de Bakhtin viveram e trabalharam; e também sugerem maneiras pelas quais suas descobertas podem ser estendidas em novas direções.

Ao examinar cuidadosamente materiais de arquivos recém-descobertos, Iúri Medviédev, Dária Medviédeva, David Shepherd proporcionam uma visão sobre a complexa relação entre as ideias de Bakhtin e Pável Medviédev sobre a noção de polifonia [Ver nota de rodapé 2] O que é necessário é uma perspectiva filosófica mais ampla sobre a polifonia, porque o termo tem sido mais frequentemente estudado em um sentido estritamente restritivo, técnico ou formal. A situação a ser estudada é ainda mais complexa, porque, na verdade, havia três círculos que correspondem às três cidades onde os membros dos

círculos viveram e trabalharam: Nevel, Vitebsk e São Petersburgo. O artigo argumenta convincentemente sobre a importante questão de os membros do Círculo de Bakhtin, uma espécie de “pensamento coletivo” - partilharem, de fato, um terreno comum no que concerne aos temas que lhes interessavam; as diferenças entre eles eram ideológicas e estilísticas.

O artigo de Medviédev, Medviédeva e Shepherd é acompanhado pela tradução de três resenhas de Pável Medviédev publicadas em 1911 e 1912. As resenhas são fascinantes, pois permitem um vislumbre da profunda insatisfação de Pável Medviédev no início do século XX no que diz respeito ao estado dos estudos literários. Na primeira resenha, Pável Medviédev expressa alguma admiração pelos esforços do estudioso francês da virada do século, Gustave Lanson, mas acrescenta que os historiadores literários da Rússia não conseguiram articular um propósito definido ou metodologias claras para seu trabalho. Na segunda resenha, Medviédev novamente expressa sua crítica acerca das instituições literárias russas por causa da recepção “fria” da obra de Nietzsche, que merece “análise clara e profunda”. Os enormes interesses teóricos e interdisciplinares de Medviédev, bem como seu notável talento como crítico de arte, são evidentes na terceira resenha, na qual ele faz um relato do livro de Paul Signac sobre a pintura francesa do século XIX, especificamente sobre o movimento conhecido como neo-impressionismo ou pontilhismo. Os diversos temas abordados por Medviédev em suas críticas: a necessidade de metodologias específicas e limites disciplinares nos estudos literários; os perigos do tipo de teorização que reduz a arte e a literatura à técnica; a importância de estar aberto a ideias inovadoras e especulativas de outros lugares são, é claro, temas centrais em *Para uma filosofia do ato responsável* de Bakhtin. O artigo de Iúri Medviédev, Dária Medviédeva e David Shepherd é um lembrete salutar de dois aspectos essenciais: ainda temos muito a aprender sobre os primeiros trabalhos de Pável Medviédev e sua significativa influência sobre todos os membros do Círculo de Bakhtin; e avanços na nossa compreensão dessas questões só serão possíveis mediante mais trabalhos nos arquivos e uma leitura cuidadosa de novos documentos descobertos.

Os artigos de Craig Brandist, Caryl Emerson e Stephen Lofts ecoam fortemente o de Iúri Medviédev, Dária Medviédeva e David Shepherd no sentido de que também buscam

oferecer uma imagem mais clara de Bakhtin e seu tempo. Brandist apresenta informações muito bem documentadas sobre como os membros do Círculo de Bakhtin batalharam intelectualmente no redirecionamento deles para uma estética materialista durante o período da revolução. Na continuidade, ele analisa em detalhes duas novas influências que Bakhtin sofreu no fim de 1920. Aleksander Vesselóvski (1838–1906) e Izrail Frank-Kamenetski (1880–1937) cumprem um importante papel nos trabalhos de Bakhtin no fim de 1930, especialmente no desenvolvimento da sua ideia de carnaval como um cerimonial sincrético e, mais genericamente, como uma estruturação característica da literatura. O novo interesse em uma maneira particular de analisar estruturas do enredo e metáforas de Bakhtin deve-se, em parte, à sua leitura de Vesselóvski e Frank-Kamenetski. Brandist aprimora a nossa compreensão da gênese das noções de Bakhtin do cronotopo e carnaval. Portanto, o resultado é que essas noções possuem mais camadas e nuances, o que lhes confere o potencial de tornarem-se ferramentas úteis para pesquisas futuras.

A longa tradição nos estudos sobre recepção é observar primariamente exemplos de como certas ideias foram positiva ou construtivamente apropriadas. Ao analisar minuciosamente as reações de dois críticos russos que desgostavam profundamente das ideias de Bakhtin, Emerson aborda o romance e mostra o quanto produtivo o estudo de uma recepção negativa pode ser. Na análise de Emerson, tomamos conhecimento de novas e precisas informações sobre algumas tendências muito recentes na crítica literária do século 20 na Rússia, bem como das conexões entre essas tendências e do “novo nacionalismo em ascensão há bastante tempo na Rússia de Putin”. Nossa atenção também é atraída para aspectos de conceitos e metodologias de Bakhtin que deveriam ser objeto de um exame mais minucioso e, o que é igualmente importante, para nossas próprias ideias, às vezes pouco examinadas e complacentes. O objetivo do artigo de Stephen Lofts é aprofundar o trabalho de pesquisadores anteriores sobre a relação entre Bakhtin e Cassirer. Lofts desloca a discussão da questão controversa da influência de Cassirer em Bakhtin para a fascinante abordagem do que os dois pensadores tinham em comum. Os trabalhos de ambos representam um contraponto ao pessimismo de certos contemporâneos.

2 Bakhtin e nosso tempo

Os artigos que compõem esse conjunto apresentam uma dimensão programática e interdisciplinar. Se lermos cuidadosamente as entrelinhas, também poderíamos ser tentados a intitular esse conjunto de artigos como “incômodo e insatisfação”. Nosso tempo, como o de Bakhtin, é caracterizado por algumas “grandes ideias” que são modismos e que ainda não foram contestadas. Em seus primeiros escritos, Bakhtin estava impaciente com certas tendências do neokantismo ou alguns aspectos da *Lebensphilosophie*, como seu pessimismo ou potencial niilismo, como Stephen Lofts aponta em seu artigo. De forma semelhante, podemos perceber que a popularidade do trabalho de alguns cientistas cognitivos em nosso tempo pode provocar certa irritabilidade em Ken Hirschkop, que se orienta pelas ideias “realistas” de Bakhtin sobre linguagem para desnudar os pressupostos idealistas e alegações excessivas dos cognitivistas. Peter Hitchcock critica a complacência de alguns críticos, cuja apropriação das noções bakhtinianas de gênero e cronotopo são redutoras.

Há uma urgência no tom de Tatiana Bubnova quando ela sugere que as críticas de Bakhtin correm o risco de se tornarem “ultrapassadas” para o nosso discurso universitário. Ela nos encoraja a reconsiderar a recepção das ideias sobre a aparente compatibilidade de Bakhtin e Benjamin no que tange à atitude deles em relação ao Romantismo, assim como a incompatibilidade de suas posições sobre a linguagem. Ela sugere que essa incompatibilidade nos ajuda a perceber cada pensador mais claramente e nos permite distinguir em cada um deles os aspectos que, de outra forma, permaneceriam invisíveis. Goethe era um “herói” para ambos, mas não da mesma maneira. Os artigos de Linda Hutcheon e de Anthony Wall compartilham uma ardente convicção – novamente percebidas pelo tom – sobre a importância de manter as ideias de Bakhtin vivas no contexto de um certo tipo de trabalho interdisciplinar. Inspirada por metodologias da crítica literária e musicologia, a ambição de Hutcheon é adotar uma nova abordagem ao revisitar o trabalho de dois pensadores “canonizados”, Bakhtin e Edward Said. Anthony Wall dá continuidade a sua paixão de longa data de expandir as possibilidades semânticas dos conceitos de Bakhtin. Em seu artigo, ele se apropria das teorias linguísticas dialógicas de Bakhtin a fim

de realizar a análise da linguagem icônica como representada na obra do artista holandês do século XVII, Nicolaes Maes.

Vamos concluir nossos comentários introdutórios com uma palavra sobre o *tempo*, uma vez que este é o elemento que se optou por destacar como título deste editorial. Esperamos ter conseguido alcançar vários objetivos interligados que se relacionam, de uma forma geral, com o tema do *tempo*. Os estudos iniciais esclarecem a relação de Bakhtin com seu tempo, suas relações com determinados colegas e a recepção de suas ideias em nosso tempo. Os artigos seguintes contribuem para importantes debates que fazem parte do cenário intelectual e político de nosso tempo. No entanto, é importante ressaltar que há outra grande questão ligada ao tempo que permaneceu um pouco em segundo plano. Peter Hitchcock aponta para essa questão quando sugere que, em geral, não sabemos o suficiente sobre “a lógica temporal adotada por Bakhtin” (p.189). Nos primeiros escritos de Bakhtin, suas referências ao tempo são frequentemente associadas a palavras como “crise”. Sua preocupação com o tempo aparece de novo com força total quando ele cria o conceito de cronotopo. O tempo do carnaval parece ser ainda de um tipo diferente. E o grande tempo?⁹

¹⁰ Talvez seja hora de olhar novamente para Bakhtin e o tempo, mas nesta perspectiva muito mais abrangente. Um projeto como este parece bastante promissor com as recentes descobertas do arquivo.

Em memória de Iúri Pavilóvitch Medviédev (1937–2013)

Este número de *Bakhtiniana* é dedicado à memória de Iúri Pávlovitch Medviédev, que morreu em 13 de outubro de 2013. Iúri Pávlovitch é lembrado e valorizado por seus amigos e colegas por suas importantes contribuições para diversas áreas, como editor e escritor no estúdio de cinema soviético *Lenfilm*, como autor em publicações da revista *Avrora*, como incentivador de diversos eventos culturais e como membro do conselho da organização de direitos humanos *Memorial*. Nós, que nos interessamos pelo Círculo de

⁹ Para o estudo da noção de “grande tempo”, ver: SHEPHERD, D. A Feeling for History? Bakhtin and ‘The Problem of Great Time’. In: *Slavonic and East European Review*, v.84, n.1, 2006, p.32–51.

¹⁰ N.T. Ver, também, a respeito de “grande tempo”, BUBNOVA, T. O que poderia significar o “Grande Tempo?”. IN: *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 10, n. 2, Maio/Ago. 2015, p.5-16.

Bakhtin, lembramos dele por seus estudos precisos sobre o pai, Pável Nikolaevich Medviédev, e, de um modo mais geral, sobre o Círculo. O trabalho investigativo, meticuloso e diligente de Iúri, realizado ao longo de muitos anos, resultou na descoberta de cerca de 200 publicações (artigos e livros) escritos por seu pai. Alguns deles foram republicados em novas edições, mas muitos outros permanecem sem publicação. Através de seus escritos sobre o Círculo e, mais especificamente, sobre o papel de seu pai, Iúri, auxiliado por sua esposa Dária, provocou uma grande mudança na nossa compreensão das relações entre os membros. Como Iúri Medviédev, Dária Medviédeva e David Shepherd deixam claro em seu artigo neste número, houve vários círculos bakhtinianos e não apenas um; seus membros tinham interesses e ideias que eram tanto autônomas como sobrepostas. A explicação realista e responsável da forma como os círculos funcionavam exige que levemos em consideração tanto contextos institucionais quanto as vozes individuais. Aqueles de nós que conhecemos Iúri nas *International Bakhtin Conferences*, lembramos dele como um homem de integridade e modéstia, eloquência e paixão, generosidade e sabedoria. Vamos lembrar dele com carinho e não vamos esquecê-lo tão cedo¹¹.

AGRADECIMENTOS

Nancy Ackerman da Amadea Editing me proporcionou um auxílio inestimável no preparo dos textos para a publicação neste número *Bakhtiniana*. Sua experiência como editora é gratamente reconhecida.

Além dela, gostaríamos também de agradecer aos editores de *Bakhtiniana* pelo convite para atuar como editor deste número e por aceitar a submissão de artigos resultantes de expansões e revisões das comunicações que ocorreram durante as sessões da 13^a Conferência Internacional de Bakhtin.

Finalmente, gostaríamos de agradecer aos tradutores dos artigos para o português e à revisão posterior cuidadosa, o que, sem dúvida, destacou a qualidade dos textos.

¹¹ Para uma descrição mais detalhada sobre a vida de Iúri Pávlovitch, ver BRANDIST, C. Iurii Pavlovich Medvedev: um obituário. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, v.8, n.2, p.253-256.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. Bakhtin on Shakespeare: Excerpt from “Additions and Changes to *Rabelais*”. *PMLA*, Volume 129, Number 3, May 2014, pp.522-537 (16). Translation and introduction by Sergeiy Sandler.

_____. *Collected Writings*, 6 vols., (Russian) Moscow: Russkie slovari, 1996–2012.

BRONCKART, J.-P. and BOTA, C. *Bakhtine démasqué: histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif*. Geneva: Droz, 2011.

GASPAROV, M. L. On Bakhtin, Philosophy, and Philology: Two Essays, *PMLA* 130.1: 129–42, 2015.

GIVENS, J. The Complete Bakhtin: The Moscow Text in Russian Literature. *Russian Studies in Literature*, 50.4 : pp.3–6, 2014.

HIRSCHKOP, K. Bakhtin in the sober light of day (an introduction to the second edition). In *Bakhtin and Cultural Theory*. Ken Hirschkop and David Shepherd, eds. Manchester: Manchester University Press, 2001, pp.1-25.

POLYUHA, M., THOMSON, C., WALL, A. (Eds.) *Dialogues with Bakhtinian Theory: Proceedings of the Thirteenth International Mikhaïl Bakhtin Conference*. London: Mestengo Press, 2013.

ZENKINE, S. Review of: Bronckart, Jean-Paul and Cristian Bota. *Bakhtine démasqué: histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif*. *Bakhtiniana*, Special Issue, Jan./Jul. 2014: pp.185-95.

Traduzido por Bruna Lopes-Dugnani – blopesdugnani@gmail.com